

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**NAS TRAMAS DA CULTURA**  
**FINANCEIRA**

Doutorando: Diego Araujo Azzi

n. USP: 3126232

Orientadora da Tese: Maria Célia Pinheiro Machado Paoli

São Paulo, 2013

# NAS TRAMAS DA CULTURA FINANCEIRA

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	5
<b>Resumo   Abstract</b> .....	6
<b>Apresentação</b> .....	7
<b>CAPÍTULO I – Grandes transformações da cultura econômica</b>	
1. O valor social do dever e o valor monetário da dívida.....	16
1.1 A autonomização dos produtos da cultura.....	24
1.2 Centralidade do indivíduo e disseminação dos riscos.....	26
<b>CAPÍTULO II – A emergência da <i>oïkonomia</i> individual</b>	
2. Individualização e estilo de vida.....	34
2.1 Generalização financeira e mercantilização do risco.....	41
2.2 Vivendo numa economia política da incerteza.....	47
<b>CAPÍTULO III – <i>Fiat Pecuniam!</i></b>	
3. Uma nova configuração de poder.....	52
3.1 A dívida brasileira no salto rumo à financeirização.....	61
3.2 Hegemonia neoliberal e a gestão das desigualdades.....	78
<b>CAPÍTULO IV – Dívida, uma forma de dominação política</b>	
4. Espaço dos movimentos sociais, repertório de ação e o campo financeiro.....	91
4.1 Jubileu: raízes teológicas de um movimento internacional contra a dominação financeira.....	101

4.2 Processo de organização, conflito interno e construção de identidade.....	105
<b>CAPÍTULO V – Contestação social da dívida no Brasil</b>	
5. Jubileu Brasil e a luta contra a dívida “inexistente”.....	134
5.1 A frustrada experiência da CPI da dívida no Brasil.....	151
5.2 Experiências distintas sobre a dívida na América Latina: Brasil e Equador.....	157
<b>CAPÍTULO VI – Considerações Finais</b>	
6. <i>Discrepância</i> financeira e a fragilização da democracia hoje.....	167
6.1 O movimento oculto e a zona proibida.....	182
<b>Bibliografia</b> .....	188
<b>Anexos</b> .....	209
<b>Entrevistas transcritas</b> .....	211



## **Agradecimentos**

...E não é que quando nos damos conta já se passaram mais de quatro anos desde o início do Doutorado! É bastante tempo e nesse período foram muitas as pessoas que ajudaram a construir esta Tese, para as quais eu só posso dizer sinceramente: muito obrigado. Correndo um *sério risco* de deixar gente importante de fora por puro esquecimento, gostaria de agradecer particularmente:

*Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, pela atenção e auxílio sempre fundamentais e sem os quais nada funciona.*

*À CAPES, que me concedeu a Bolsa de estudos no exterior, uma experiência intelectual e humana inesquecível.*

*À professora Isabelle Sommier (CESSP-CPRS, Sorbonne Paris I) que me recebeu na França e abriu caminhos sociológicos até então inexplorados, que me fizeram conhecer outras formas de observar os mesmos objetos sociais.*

*Aos colegas do GELS (Groupe d'Études Latino-américains de la Sorbonne), pelos debates, ideias, sugestões à pesquisa, e por terem com muito boa vontade um artigo prévio desta tese escrito em francês de qualidade duvidosa. Aqui, um agradecimento especial a Michael Barbut, pelas generosas revisões.*

*A Christophe Aguiton, pela 'amitié camarade' que me ajudou a chegar à Sorbonne e pelo instigante curso sobre novas tecnologias e mobilização social.*

*A Rafael Freire e a João Felício, chefes compreensivos que em diferentes momentos durante os últimos quatro anos, me permitiram a flexibilidade necessária para conciliar trabalho e pesquisa.*

*À Rosilene Wansetto, pela confiança com que me facilitou acesso ao Jubileu Sul Brasil.*

*A Sylvain Barré e Giovana Pastore; Ana Flávia e Sofiane Faci e todos os amigos queridos que a bolsa-sanduíche em Paris trouxe para ficar.*

*Ao querido Bilé, que na minha ausência cuidou de minha mãe como se fosse a dele.*

*À Ju e ao Dani, à Claudia e à Fe, que durante o período de vida em Paris cuidaram da Fulô e da Pança como se fosse deles.*

*À minha mãe, leitora e revisora, sem a qual nada disso teria sido possível.*

*À Jo, meu amor, que embarcou nessa aventura ainda nos tempos de mestrado e que faz tudo ficar mais fácil, e mais bonito.*

*À Maria Célia, que mesmo em meio a dificuldades, nunca deixou de abrir a porta, os braços e me receber para conversas sempre inspiradoras.*

*E, por fim, a todos os amigos que entenderam que às vezes era melhor não perguntar nada sobre o andamento da pesquisa!*

## **Resumo**

Esta tese apresenta uma interpretação sociológica de alguns aspectos das relações entre economia e sociedade hoje. Baseando-se tanto em referências clássicas quanto em contemporâneas, o texto trata das evoluções recentes da cultura financeira e aponta sua crescente *discrepância*, com consequências sobre o exercício da democracia. Neste contexto, a dinâmica conflitiva entre campo econômico e espaço dos movimentos sociais é abordada tendo como estudo de caso a rede internacional Jubileu de luta contra a dívida, com atenção particular ao seu capítulo brasileiro.

Palavras-chave: Política; Neoliberalismo; Dívida; Movimentos Sociais; Democracia.

## *Abstract*

This work presents a sociological interpretation about some aspects of the relations amongst the economy and society in the present days. Based on both classical and contemporary literature, the text analyses recent evolutions in the financial culture, pointing out to its increasing *discrepancy*, with consequences over the exercise of democracy. In this context, the dynamic conflict amongst the economic field and the social movements' space is approached, having the Jubilee network against debt as a case study, with focus on its Brazilian chapter.

Key-words: Politics; Neoliberalism; Debt; Social Movements; Democracy.

## *Apresentação*

A reflexão que segue nestas páginas é o resultado de um sinuoso processo de pesquisa. Sinuoso porque de fato percorreu muitas curvas e alguns desvios de rota. As grandes retas da certeza foram poucas, mas, olhando para trás, creio que abriram boas pistas. Duas questões são fundamentais para a trajetória sinuosa da pesquisa: a primeira é que o próprio tema inicialmente proposto era outro, direcionado ao estudo das interações contemporâneas entre sindicatos e mercado financeiro através de fundos de pensão. Ao tomar a decisão de mudar o recorte, já um ano e meio de percurso caminhado, muito de tempo e acúmulo de pesquisa inevitavelmente se perdeu.

A segunda questão que contribui com esse percurso impreciso deriva da própria natureza do objeto: ao escolher pesquisar o capitalismo financeiro contemporâneo, me coloquei na difícil posição de analista do tempo presente, o que, nos últimos anos, significou uma avalanche de acontecimentos e informações importantes para esta pesquisa.

Sempre soube que o que me interessava era em linhas gerais a relação entre economia e sociedade, mais particularmente a relação entre política e esfera financeira hoje. Essa relação, pela sua complexidade e importância, pode ser abordada a partir de vários recortes: seja sobre a atuação governamental; a estrutura do direito que (des)regula as finanças; as instituições financeiras globais; o sistema bancário; enfim, uma pluralidade de ângulos possíveis, cada um com sua legitimidade epistemológica particular.

Dentre esta multiplicidade de recortes possíveis, optei então por explorar o universo das finanças através do ângulo da contestação social. Inicialmente, a ideia era verificar as possibilidades de subversão da lógica financeira pelos sindicatos, através de uma atuação “progressista” nos fundos de pensão, que, na literatura sobre o tema, é chamada de “ativismo acionista”. O principal motivo da mudança de rumo foi – como já comentado no Relatório de Qualificação –, a divulgação de outras pesquisas (que resultaram em livros amplamente celebrados) bastante semelhantes e exaustivas sobre o tema.

No íntimo da minha reflexão, percebi também que a minha hipótese original de uma política virtuosa dos sindicatos por dentro das finanças não seria confirmada no Brasil, limitando-se a algumas exemplares experiências nos EUA e Europa do Norte – ainda assim, no período pré-crise de 2008.

O que se pode extrair da literatura hoje existente sobre o tema é que a inserção dos trabalhadores na lógica do *capitalismo acionário* (substituição de direitos por participação na renda financeira) de fato atualmente prevalece sobre a minha hipótese do *ativismo acionista* (politização das finanças utilizando de forma alternativa seus próprios mecanismos financeiros, como os fundos de pensão).

Quando decidi por uma mudança de rumo na pesquisa, optei por permanecer no mesmo grande campo de estudo, ou seja, as relações entre política e esfera financeira. Este tema perpassa a tese do início ao fim, aparecendo com mais ênfase e detalhe nos capítulos I, II e III. Mantive também a opção pela abordagem a partir de um ângulo que privilegiasse a contestação social das finanças, com um enfoque sobre movimentos sociais que marca, sobretudo, os capítulos IV e V.



Cheguei a pensar em analisar a atuação de movimentos sociais pela taxaço das transações financeiras, como a ATTAC, mas logo de cara me deparei com um campo de debate acadêmico e militante já bastante saturado, o que, somado ao fato de que no Brasil esta rede praticamente deixou de existir, me desmotivaram a seguir nessa direção. Incorporei na presente discussão, no entanto, algo da vasta bibliografia sobre as finanças produzida por esta rede e, durante a estadia na França<sup>1</sup>, entrevistei militantes históricos como Christophe Aguiton e Gustave Massiah.

Recordando um pouco do que eu havia pesquisado e vivenciado durante o Mestrado, quando estudei a emergência, apogeu e declínio dos chamados movimentos antiglobalização, tive então a ideia de pesquisar outra rede social de contestação das finanças, chamada Jubileu, e que tem presença ativa no Brasil hoje.

O movimento Jubileu aborda a questão das finanças pelo ângulo da discussão sobre o problema do endividamento, o que, ao longo do tempo desta Tese, foi algo que se mostrou cada vez mais interessante para análise do contexto financeiro atual, e especialmente para interpretar a sua expressão no Brasil. Isto porque, como afirmou um dos entrevistados dessa pesquisa, o Deputado Federal Ivan Valente (PSOL-SP),

A dívida pública é o nó do modelo de desenvolvimento brasileiro. Ela explica porque o Brasil tem a maior taxa de juros do mundo, ou seja, porque temos que atrair capital ao país pagando uma taxa de juros exorbitante através da emissão de títulos da dívida pública no mercado financeiro.

---

<sup>1</sup> De março de 2011 a fevereiro de 2012 tive a oportunidade de passar um ano como pesquisador visitante no *Centre Européen de Sociologie et Science Politique de la Sorbonne (CEESSP)*, onde, entre outras coisas, acompanhei os Seminários de Pesquisa da professora Isabelle Sommier e participei ativamente do *Groupe d'Études Latino-américains de la Sorbonne (GELS)*, ao qual um artigo embrionário da tese foi apresentado em Janeiro de 2012.

Esta tese é escrita em um período da história recente marcado por dois grandes movimentos na economia: por um lado, a crescente financeirização e individualização da economia e, por outro lado, as recorrentes crises financeiras que vêm ocorrendo, pelo menos, durante os últimos 30 anos. Se nos pautarmos pelos últimos cinco anos temos a impressão de vivermos uma crise financeira permanente, que apenas muda de uma parte para outra do planeta.

No entanto, cerca de vinte anos antes do presente momento, o campo intelectual dominante na área econômica celebrava a obra de Francis Fukuyama, *O Fim da História e o último Homem*<sup>2</sup>, apontando o futuro da humanidade como inevitavelmente fadado ao neoliberalismo, ao triunfo do poder dos livres-mercados sobre os Estados e, em última instância, sobre a política.

No capitalismo contemporâneo, porém, as mudanças acontecem mais rápido do que nunca antes, e a financeirização extrema das relações econômicas inflou e estourou bolhas envolvendo países do centro e da periferia do sistema. Como consequência, a credibilidade das teses representadas por Fukuyama foi severamente abalada.

Neste sentido, significa dizer que foi a própria crise do sistema que reabriu o debate sobre as fundações da esfera financeira atual. Debate este que durante os anos 1990 fora colocado na berlinda, quando o questionamento político-intelectual da esfera financeira passou a ser um tabu que poucos ousaram enfrentar abertamente<sup>3</sup>. No Brasil, em 1999, Francisco de Oliveira denominaria este tabu discursivo como a expressão de um “totalitarismo neoliberal”.

---

<sup>2</sup> F. Fukuyama. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>3</sup> Neste sentido, autores como Francisco de Oliveira, José Luis Fiori, Emir Sader e Paulo Arantes se destacam no cenário crítico nacional.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

